

A CLASSE ESPECIAL E AS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Thalita Andressa Barbosa Paes Landim¹

“Não sabendo que era impossível, foi lá e fez” (Jean Cocteau).

Resumo: O presente trabalho busca analisar as diversas práticas pedagógicas desenvolvidas por um professor durante um período letivo em uma classe especial do Distrito Federal. Portanto, a pesquisa tem por objetivo geral analisar a prática pedagógica de um professor de classe especial no Distrito Federal e como objetivos específicos analisar o uso de vídeos, jogos e atividades de psicomotricidade no desenvolvimento do estudante com deficiência; e compreender a necessidade de materiais concretos para a fixação da aprendizagem. Este estudo é importante para a área de educação especial e inclusiva, pois existem poucos estudos que demonstrem a prática em sala com estudantes de classes especiais. A metodologia de pesquisa utilizada é a pesquisa qualitativa com o auxílio de estudos de tipo etnográfico que tem por instrumentos a observação participante. A utilização de vídeos em sala de aula facilita a aprendizagem dos estudantes. Os jogos educativos auxiliam a fixação de conteúdos e a aprendizagem de regras e comandos, o que também ocorre com os jogos realizados em *tablets* e computadores. A psicomotricidade permite que o estudante desenvolva o controle e domínio de seu corpo, além de quando desenvolvida as habilidades de forma correta favorece na aprendizagem. A utilização de diversas práticas educativas em classe especial é fundamental para o aprendizado dos estudantes com deficiência, pois através dos variados recursos a fixação e construção de conceitos são facilitadas, além dos alunos criarem o gosto de ir para a escola. A colaboração e auxílio da direção da escola, assim como dos pais e comunidade são fundamentais para o sucesso do trabalho diversificado realizado nesta classe especial. Mudanças significativas foram observadas no comportamento e aprendizagem dos estudantes com deficiência após o uso de práticas educativas diferenciadas.

Palavras chave: Práticas pedagógicas; classe especial; aprendizagem.

Para início de conversa...

A Educação Especial é uma modalidade de educação que perpassa todos os níveis educacionais e nela está englobada a Educação Inclusiva, que recentemente teve promulgada a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência – LBI de seis de julho de 2015. De acordo com GDF (2014, p.8), “os saberes advindos dessa modalidade de ensino possibilitam a compreensão do direito de todos à educação e a concretização dos paradigmas educacionais inclusivos na contemporaneidade”. Deste modo, todas as escolas do Distrito Federal - DF hoje são inclusivas.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar a prática pedagógica de um professor de classe especial no Distrito Federal e trás como objetivos específicos analisar o uso de vídeos, jogos e atividades de psicomotricidade no desenvolvimento do estudante, além de compreender a necessidade de materiais concretos para a fixação da aprendizagem.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília – UnB

thalitaandressa@gmail.com

Este trabalho é de grande importância para a Educação Especial e Inclusiva, pois diante das leituras realizadas sobre o assunto, não foram encontradas práticas semelhantes à empregada por esse professor, nem vivenciada pela pesquisadora em outras classes especiais pelas quais trabalhou. Também são poucos os autores que escreveram sobre as classes especiais e retrataram a prática dos professores nesses ambientes.

A metodologia de pesquisa utilizada para elaboração deste trabalho será a pesquisa qualitativa com a utilização de um estudo do tipo etnográfico, que se utilizará da observação participante como instrumento de pesquisa. A escolha pelo estudo do tipo etnográfico ocorreu, pois

O trabalho etnográfico pode promover uma reflexão sobre a própria prática pedagógica e, ao mesmo tempo, contribuir para o aperfeiçoamento do discurso cooperativo dos estudantes, sobre paradoxos e problemas relacionados a diferentes áreas do trabalho pedagógico e educacional (WELLER e PFAFF, 2013, p.17).

Concordando com Weller e Pfaff (2013), o estudo do tipo etnográfico será essencial para o trabalho do professor observado, pois ele poderá refletir sobre a sua própria prática e reformular atividades que não estejam contribuindo significativamente para o desenvolvimento dos estudantes. Além disso, a etnografia na educação vem sendo utilizada para aproximar o pesquisador dos sujeitos a serem analisados, para poder retratar com mais detalhes a realidade a ser pesquisada.

A observação participante foi utilizada “porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (ANDRÉ, 2008, p.28). A interação aproximada da pesquisadora e dos sujeitos observados ocorreu no período de dois anos. Diante disso, André (2008, p.44) acredita que:

O processo de investigação da sala de aula se fará basicamente por intermédio da observação direta das situações de ensino- aprendizagem, assim como por meio da análise do material didático utilizado pelo professor e do material produzido pelo aluno.

Partindo do princípio de que se analisará a prática pedagógica do professor da classe especial através da observação participante, entende-se que o estudo do tipo etnográfico é o melhor modo de compreender a realidade vivenciada nesta sala de aula. É importante destacar que no estudo do tipo etnográfico é necessário considerar a história de vida das crianças que

estão nesta sala de aula, a realidade por elas vivenciada em casa e na comunidade em que vivem, além de compreender como elas se apropriam do conhecimento.

As classes especiais no DF

O Distrito Federal ainda adota um modelo de classe especial que já não existe em muitos Estados, da mesma forma que os Centros de Ensino Especial. Embora conste na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, alguns Estados trabalham na perspectiva da inclusão total. Diante desta situação, faz-se necessária uma breve exposição do que é uma classe especial.

A classe especial, segundo GDF (2010, p.65) “é uma sala de aula, em instituição educacional de ensino regular, em espaço físico e modulação adequada, regida por professor especializado na educação de estudantes com deficiência intelectual/mental ou transtorno global do desenvolvimento”. Em outras localidades, segundo Brasil (2001), essas classes especiais podem atender também alunos cegos, alunos surdos, alunos que apresentem condutas típicas, ou algum transtorno psicológico, neurológico ou psiquiátrico. No caso específico do DF os alunos com deficiência visual e auditiva são atendidos em escolas próprias como o Centro de Atendimento ao Surdo – CAS e o Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais – CEEDV.

Conforme GDF (2010, p.65), a classe tem um caráter temporário e de transição, onde o seu objetivo principal é fazer com que o estudante tenha condições de ir para uma classe de inclusão. Em alguns casos, não é essa a perspectiva que observamos do DF, apesar de estar escrito nos documentos oficiais, muitos estudantes cursam todo o Ensino Básico em classes especiais, não ingressando em classes de inclusão.

A classe especial observada para essa pesquisa do tipo etnográfico encontra-se em uma localidade de alta vulnerabilidade social; dominada pelo tráfico de drogas e marginalidade; próxima a um lixão; e onde ainda existe um alto índice de evasão, repetência e distorção idade série. Muitas das crianças que frequentam essa escola os pais trabalham vendendo doces, em feiras, com serviços manuais, na fábrica social próxima a escola e até mesmo no lixão, como catadores.

A escola possui alunos nos três turnos, sendo que no diurno possui turmas do primeiro ao quinto ano e no período da noite turmas de EJA de séries iniciais. Existem três classes especiais nessa instituição, sendo que duas classes pela manhã e uma no turno vespertino. As salas de aula dessas turmas possuem um tamanho reduzido, uma sala de aula de tamanho normal foi dividida em dois espaços. Apesar de que a turma analisada possui nove alunos, o

espaço que um estudante com deficiência necessita é maior do que o de uma criança sem deficiência.

Essas classes especiais, contam com o apoio de um Monitor. Na secretaria de educação do DF, esses profissionais ingressam na instituição através de concurso público no cargo de Técnico de Assuntos Educacionais – Monitor, e tem como atribuições, de acordo com GDF (2013, p.2) “suporte operacional às atividades de cuidado, higiene e estímulo de crianças no âmbito de competência da Secretaria de Estado de Educação”. O auxílio deste profissional é essencial para o desenvolvimento das práticas educativas diferenciadas do professor, pois ele dará suporte às atividades propostas pelo docente.

Os estudantes que compõem essa sala possuem entre onze e quinze anos de idade. Existem crianças com deficiência intelectual, deficiências múltiplas, transtorno global do desenvolvimento e algumas sem um diagnóstico definido. Cada aluno possui a sua especificidade e a sua necessidade. Deste modo, a necessidade de um trabalho diferenciado e contínuo é essencial para o aprendizado de todos.

O trabalho nessa classe especial ocorreu no período de dois anos, entre 2014 e 2015. Neste período, dois professores passaram pela turma. No primeiro ano de observação, foi vivenciado um trabalho executado de uma forma mais tradicional, onde o professor propunha a atividade em folha ou no caderno e a criança realizava a atividade naquele espaço. Em muitos momentos as atividades eram colocadas em segundo plano, dando espaço para brincadeiras com brinquedos ou a execução de vídeos sem um fim pedagógico. A disposição da sala ocorria de forma tradicional, todos os alunos sentados em direção ao quadro e algumas vezes eram formadas duplas ou trios para a execução das atividades.

No segundo ano, outro professor assumiu a turma, logo no começo foram observadas diferenças significativas entre as práticas pedagógicas desses dois professores. Assim que iniciou o ano o professor, que trabalhou com os estudantes no segundo ano, trouxe para a turma jogos para desenvolverem a coordenação motora, raciocínio lógico, vídeos educativos, idas a biblioteca e atividades em quadra sempre com o objetivo de desenvolvimento motor e pedagógico. As carteiras da sala foram dispostas de forma que os alunos ficavam em um semicírculo, sem a necessidade de estarem olhando para o quadro, pois se percebeu que algumas crianças tinham dificuldade na concentração e não se utilizavam do quadro para a sua aprendizagem. Diante desta breve exposição, destaca-se que este é o professor que analisaremos a sua prática pedagógica neste trabalho.

Através da introdução dessas novas práticas educativas no cotidiano dos estudantes, foi possível observar mudança significativa em seu desenvolvimento. Alunos que

anteriormente não sabiam contar até 10, hoje já conseguem contar até 100. Em português já conseguem distinguir as letras do alfabeto, outras crianças com desenvolvimento mais avançado já estão no nível de ingressarem em turmas de inclusão. Deste modo, esse trabalho mostrará algumas práticas executadas por esse professor que obtiveram sucesso no desempenho de seus estudantes.

O uso da PNL

A Programação Neurolinguística – PNL ou Inteligência Emocional tem por objetivo a motivação do indivíduo. Uma forma de utilização do cérebro capaz de estimular o indivíduo a alcançar qualquer resultado que deseje. Existem cursos e livros para a melhor utilização deste método. Não é objetivo deste trabalho se aprofundar nos conceitos da PNL, desta forma para um estudo mais profundo pode-se procurar pelos autores Ready e Burton (2013) e O'Connor e Seymour (1996).

O professor da classe especial utilizava-se deste método para motivar as crianças e estimulá-las na aprendizagem. Isso acontecia de modo natural e as crianças quando realizavam a PNL apresentavam um desempenho melhor nas atividades propostas no dia. No dia em que não queriam realizar o procedimento apresentavam comportamento bastante agitado e algumas vezes agressivo.

O uso da PNL deixava às crianças visivelmente mais calmas, mais atentas as explicações e todas as atividades propostas para esse dia conseguiam ser desenvolvidas com sucesso. A atividade de respiração realizada com as crianças, o uso de uma música tranquila e as palavras de incentivo (você consegue, você é capaz, você está em um lugar onde todos querem o seu bem) favoreceu para a mudança de comportamento das crianças.

No ano de 2014, um menino de 12 anos, ingressou na classe especial na metade do ano. Veio rotulado da outra escola como pior aluno, que não sabia respeitar as regras, que já havia agredido a professora, que batia nas outras crianças e dentre tantas outras atitudes negativas. Permaneceu durante seis meses com o professor tradicionalista. Não desenvolveu nenhuma habilidade visível durante esse período, pois o docente tinha medo do aluno. A criança não tinha controle urinário e sempre que contrariado ou frustrado fazia xixi em sala de aula e ameaçava bater em qualquer pessoa a sua frente. Para não contrariar o aluno o professor sempre fazia as suas vontades que na maior parte do tempo era assistir ao vídeo de um desenho em específico.

No ano de 2015, este aluno entrou em contato com o professor que utilizava a PNL. No primeiro momento foi difícil para todas as crianças da sala conseguir realizá-la, em

especial para o menino de 12 anos. Não conseguia se acalmar e em alguns momentos ainda apresentava sinais de agressividade. Com o decorrer do tempo, o professor conseguiu o respeito e mostrou autoridade para a criança e a mesma passou a respeitá-lo. Hoje o menino pede para que seja feito a PNL, a criança se sente bem com essa técnica, e que a ajudou a mudar de comportamento. Respeitando o professor e os demais colegas, realizando as atividades e aprendendo, além de não urinar mais em sala de aula.

A utilização dos vídeos como forma de aprendizagem

A utilização dos vídeos representa para a educação a possibilidade de construção e desenvolvimento de habilidades e pensamentos que anteriormente só seriam desenvolvidos nos livros. A utilização desses meios permite que o estudante construa um pensamento crítico sobre o ambiente ao seu redor. A sua utilização é muito apreciada pelos estudantes, pois o estimulam pelo visual, pelo olhar.

Na educação especial e na educação inclusiva o uso de vídeos é um aliado do professor no processo de alfabetização e aprendizagem dos estudantes, pois permite que conceitos anteriormente não compreendidos possam ser visualizados e aprendidos. Na educação de crianças com deficiência isto é significativo, pois esses estudantes apresentam uma dificuldade na construção de conceitos abstratos.

Na classe especial, os vídeos são utilizados diariamente com os alunos. Muitas vezes são repetidos para que ocorra melhor aprendizagem dos conceitos ou até mesmo a pedido das crianças, que possuem gostos e desejos.

Existem diversas categorias de vídeos utilizadas na classe especial, tais como: alfabeto, sílabas, contagem, meio ambiente, “palavras mágicas”, frutas, meio de transporte, cores, parlendas e os educativos de forma geral. Os vídeos são encontrados na internet e selecionados para usufruto das crianças.

Os vídeos mais apreciados pelos alunos são os que contêm músicas. Geralmente, eles solicitam que esses sejam repetidos diversas vezes, até mesmo de forma exaustiva. Isso é bom para a aprendizagem das crianças, pois demonstra que eles gostaram do vídeo e estão aprendendo com ele.

Um exemplo da eficácia do uso de vídeos na classe especial e alunos que anteriormente não sabiam contar até o número dez hoje já contam até o número 100. Através da música, do estímulo visual e da repetição diária do vídeo os alunos que não conseguiam contar, hoje já sabem e conseguem diferenciar um número do outro, além de quando apresentado um número fora da ordem já o identificam.

A utilização dos vídeos por essa classe especial só é possível, pois existe uma televisão fixa em sala. Nessa escola todas as salas de aula possuem uma televisão. Isto é vantajoso para o professor, pois abre opções para um vasta utilização desse meio de comunicação para práticas educativas.

O uso de jogos e *softwares* educativos

No trabalho com crianças deficientes o uso do jogo como instrumento pedagógico é muito utilizado por diversos professores. Existem dois tipos de jogos: o jogo educativo e o jogo tradicional. De acordo com Barros, Jesus e Barbosa (2012, p. 204),

O jogo educativo é aquele material concreto (ainda que possivelmente em interface computacional) destinado à aquisição de conteúdos e desenvolvimento de habilidades intelectuais: lógico- matemáticas, viso-espaciais, de aquisição, expressão e interpretação da língua materna e de conhecimentos gerais (meio ambiente, saúde, sexualidade). Os jogos tradicionais são aqueles típicos de tabuleiro (quebra- cabeças, resta um, damas, xadrez, jogo da memória, ludo, batalha naval, dominó, sudoku, bingo, roleta, dados etc).

O jogo é uma das práticas pedagógicas que são bastante trabalhadas nas classes especiais. Os jogos com finalidade educativa predominam nas atividades de sala, pois com ele, a criança aprende jogando. Na maioria das vezes internaliza regras e conceitos sem a necessidade de outros métodos de ensino.

Com isso, o jogo além de ser utilizado para brincar, divertir, competir, ele pode ser um aliado do professor na educação de crianças, pois permitem aos professores trabalharem regras, estimular o raciocínio e a aprendizagem dos conteúdos de sala de aula. De acordo com Padilha (2007, p.128) o jogo pode ter os seguintes papéis:

como modelador de atitudes (para desenvolver hábitos de vida em grupo); como estratégia para o desenvolvimento motor (controle do corpo); como meio de socialização (controle da agressividade); como meio para desenvolver o cognitivo (explorar o potencial dos objetos).

O jogo pode auxiliar também na facilitação da “expressão individual, interação grupal e vinculação de novas informações com bases nos conteúdos temáticos” (BARROS, JESUS E BARBOSA, 2012, p.204). Analisando os papéis que o jogo pode desenvolver, percebemos que a utilização desse recurso em sala de aula favorece que os estudantes tenham atitudes de competitividade sem agressão.

A vantagem da utilização do jogo em sala de aula, principalmente em classes especiais, é a criação de um ambiente prazeroso de aprendizado, além de um ambiente de confiança e onde regras devem ser respeitadas, até mesmo construídas em conjunto.

Na classe especial observada nesta pesquisa, todos os jogos apresentavam um objetivo pedagógico. Desde um simples jogo de dominó a jogos utilizando *tablets* e computadores. Alguns exemplos de utilização de jogos educativos concretos (que as crianças pegavam com suas próprias mãos):

Jogo	Objetivo Pedagógico
Dominó	Contagem e identificar peças iguais
Bingo das letras	Formar palavras com letras e sílabas
Jogo do alfabeto	Montar a sequência do alfabeto na ordem
Jogo do alfabeto 2	Encontrar a figura que começa com a letra sorteada.
Dominó da soma	Realizar a operação e encontrar a peça com o resultado obtido.
Dominó da subtração	Realizar a operação e encontrar a peça com o resultado obtido.
Quebra- cabeça	Desenvolver raciocínio lógico
Quebra – cabeça 2	Desenvolver raciocínio lógico montando a figura de diversas formas.

Muitos outros jogos foram utilizados com esses estudantes. As mudanças observadas antes da utilização do jogo educativo e após a sua utilização com instrução prévia do professor é visível. Depois da inclusão do jogo as crianças começaram a realizar as suas atividades individualmente, dando a possibilidade do professor acompanhá-las uma a uma na execução e aquisição das habilidades. O jogo concreto ou físico auxiliou crianças que apresentavam dificuldades de coordenação motora fina e grossa a desenvolver e melhorá-la.

Kishimoto *apud* Barros, Jesus e Barbosa (2012, p.205), explica que “é importante que [se] busque um equilíbrio entre a função lúdica e pedagógica, conciliando a liberdade típica dos jogos e a orientação própria dos processos educativos”. Deste modo, o professor desta classe especial conseguiu conciliar de forma equilibrada os jogos nos processos educativos apresentados em sala de aula. Fazendo com que seus alunos desenvolvessem habilidades previstas anteriormente em seu planejamento. Mas os alunos com deficiências múltiplas - DMU necessitam que os jogos e atividades sejam repetidos diversas vezes como forma de

fixação, pois uma característica própria dessa deficiência é o esquecimento de conceitos que são trabalhados poucas vezes.

O professor também utilizava com seus estudantes jogos no computador e *tablet*. O uso dessas ferramentas tecnológicas permitia que o estudante entrasse em contato com a tecnologia, permitindo que ele desenvolvesse habilidades que antes estavam restritas a esse público. Por ser uma comunidade carente, muita das crianças ainda não possuem contato com equipamentos tecnológicos, então a utilização deles em sala de aula possibilita a o começo da eliminação de um analfabetismo tecnológico.

Os jogos utilizados em sala de aula, tanto no *tablet* quanto no computador, são oriundos de uma plataforma educativa na internet chamada Escola Games (www.escolagames.com.br). Neste site, existem vários jogos educativos sobre diversos temas: português, matemática, ciências, história, geografia, inglês e meio ambiente. Os jogos são utilizados sempre com a orientação e supervisão do professor, que explica as regras e se necessário joga juntamente com o aluno.

É importante destacar que na escola em que o professor atua com suas diversas práticas a sala de informática encontra-se sem utilização no momento. Existem computadores na escola, mas eles não podem ser utilizados pelos alunos, pois na unidade escolar não existe um profissional capaz de conectar os computadores em uma rede de internet e mantê-los em funcionamento. Portanto, é necessário que o professor da classe espacial leve o seu próprio computador e *tablet* para realizar as atividades em plataformas tecnológicas com os estudantes.

A Psicomotricidade na quadra

A psicomotricidade na escola é um elemento que em muitos momentos está relacionado à educação infantil. Observando a classe especial, percebemos a importância da psicomotricidade também na educação especial.

As crianças do ensino especial apresentam dificuldade motora e em muitos momentos elas não foram trabalhadas em anos anteriores por acharem que não seria necessário trabalhar tais habilidades com esses estudantes. De acordo com Rossi (2012), a psicomotricidade é importante para desenvolver nas crianças o controle e domínio sobre o corpo, além de um desenvolvimento global e uniforme, necessários para o processo de aprendizagem delas. O desenvolvimento motor permite que o aluno tenha mais domínio sobre a escrita, sobre a fala e até mesmo sobre o caminhar.

Na classe observada, o desenvolvimento psicomotor foi trabalhado através de atividades em quadra, no parquinho e até mesmo em sala de aula. Concordando com Rossi (2012, p.2),

O desenvolvimento psicomotor evolui do geral para o específico. No decorrer do processo de aprendizagem, os elementos básicos da psicomotricidade (esquema corporal, estruturação espacial, lateralidade, orientação temporal e pré-escrita) são utilizados com frequência, sendo importantes para que a criança associe noções de tempo e espaço, conceitos, ideias, enfim adquira conhecimentos.

O professor iniciou trabalhando com os estudantes atividade como andar em cima de uma linha reta e posteriormente em cima de uma linha curva. Progredindo para atividade de andar na linha e saltar sobre obstáculos, seguindo para andar na linha, saltar e chutar uma bola. Foi percebido grande avanço das crianças no decorrer de cada atividade. Crianças que antes não conseguiam andar em linha reta, hoje já conseguem até mesmo saltar, apesar de ainda apresentarem dificuldades, e chutar uma bola ao final.

Outra atividade executada com os alunos é a do “pirocoptero”. O pirocoptero é um brinquedo que tem uma haste de plástico e na ponta se encaixa uma hélice. Este brinquedo tem como principal objetivo desenvolver nas crianças habilidades com as mãos. Quando introduzida esta atividade muitas das crianças não conseguiam sequer girar a haste na mão, em especial as crianças com deficiências múltiplas. Com o decorrer do tempo e a consolidação do aprendido pelas crianças, elas começaram a ter domínio e a manejar com mais facilidade o brinquedo.

O pirulito cachimbo de ar também foi utilizado com as crianças. Este brinquedo tem um formato que lembra um cachimbo, mas na ponta ele possui uma cesta com uma bolinha. O objetivo desse brinquedo é assoprar e manter a bolinha no ar pelo maior tempo possível. Quando o professor da classe especial apresentou este brinquedo às crianças algumas tiveram um pouco de resistência, pois achavam que era uma brincadeira muito fácil. Ao colocarem o brinquedo na boca para fazerem a bolinha flutuar, foi observado que muitas crianças não sabiam assoprar. O docente foi de criança por criança ensinando que elas deveriam fazer um movimento com a boca de “bico” e depois empurrar o ar para fora. Mesmo após a explicação muitas ainda não conseguiram. Outras não tinham domínio da força do ar expelido e com isso as bolinhas caíam no chão. Após algumas aulas de treino as crianças começaram a apresentar um maior domínio da atividade.

Outra atividade apresentada pelo professor aos estudantes foi a bolinha de gude. Neste caso, essa atividade pode ter dupla função, tanto de jogo quanto de psicomotricidade. Na psicomotricidade, esta atividade desenvolve nas crianças o movimento de pinça, essencial para a escrita, e a noção de distância.

De acordo com Rossi (2012), o desenvolvimento psicomotor auxilia na habilidade de leitura e escrita, distinção de letras e até mesmo no pensamento lógico e abstrato. Muitas outras atividades foram realizadas pelo professor da turma. Todas com o objetivo de desenvolver a coordenação motora fina e grossa dos alunos.

Algumas considerações

O uso de variadas práticas pedagógicas permite que o estudante usufrua de diversas possibilidades de aprendizagem. A utilização de diversos recursos pedagógicos na educação especial e inclusiva consiste no fato das crianças necessitarem de diversos estímulos: visual, auditivo e sensorial para se desenvolverem.

As crianças com deficiências, principalmente as com deficiência intelectual ou TGD, apresentam grande necessidade de vários estímulos distintos para a sua aprendizagem. Muitas têm facilidade com o visual, outras com o concreto, outras ainda com o auxílio de música, além do tecnológico. A variedade de estímulos facilita a aprendizagem e o interesse dos estudantes em determinadas matérias que anteriormente não conseguiriam pelo método tradicional de atividade xerocada e atividade no caderno.

Em uma classe especial é de fundamental importância que exista suporte material e tecnológico para o desenvolvimento de práticas diferenciadas. É necessário que a sala possua um espaço adequado para locomoção e interação entre as crianças, não deixando-as tão próximas umas das outras para que não ocorram conflitos. Outro ponto necessário é que exista uma televisão fixa em sala de aula. É necessário que a escola providencie materiais necessários para o desenvolvimento psicomotor das crianças com deficiência, tais como: cones, bolas, cordas e brinquedos pedagógicos.

Com a sala de informática em desuso o trabalho do professor da classe especial fica restrito. Apesar de ele utilizar o seu computador pessoal e *tablet* não consegue atender a todos os estudantes de uma única vez. Ainda que esteja conseguindo realizar um trabalho diferenciado com essas crianças, o uso de um computador individual auxiliaria no maior desenvolvimento desses estudantes. A escola é responsável por dar condições para a utilização da sala de informática, pois existem computadores na escola que estão ficando obsoletos e sem utilização, enquanto poderiam estar sendo utilizados na alfabetização

tecnológica dos alunos da escola, além de possibilitar o uso de práticas pedagógicas diferenciadas.

A diversificação nas práticas educativas favorece a aprendizagem, estimula comportamentos positivos, além de desenvolver nas crianças atitudes que possibilitam o crescimento como estudante.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. D. **Etnografia da prática escolar**. 15ª edição. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

BARROS, A.; JESUS, A. S. D.; BARBOSA, A. **O uso de jogos pedagógicos e recreativos com pacientes pediátricos do Hospital Universitário Professor Edgard Santos**. In: MIRANDA, T. G.; FILHO, T. A. G. O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 203-221.

BRASIL, M. D. E. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. [S.l.]: [s.n.], 2001.

BRASIL, P. D. R. **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015**. Planalto, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 11 Setembro 2015.

BURTON, K. **Programação neurolinguística para leigos**. [S.l.]: Altabook, 2013.

GDF. **Orientação Pedagógica - Educação Especial**. Brasília: [s.n.], 2010.

GDF, C. L. D. D. **LEI Nº 5.106, DE 3 DE MAIO DE 2013**. Secretaria de Educação do DF, 2015. Disponível em: <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/legis/lei_5106_3mai13.pdf>. Acesso em: 11 Setembro 2015.

GDF, S. D. E. D. E. D. F. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Especial**. Brasília: [s.n.], v. 7, 2014.

ROSSI, F. S. **Considerações sobre a psicomotricidade na educação infantil**. Revista Vozes do Vale: Publicações Acadêmicas, Minas Gerais, v. I, n. 01, p. 1-18, Maio 2012.

SEYMOUR, J.; O'CONNOR, J. **Treinando com a PNL**. 2. ed. [S.l.]: Summus, 1996.

WELLER, W.; PFAFF, N. **Pesquisa qualitativa em educação: origens e desenvolvimentos**. In: WELLER, W.; PFAFF, N. Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática. 3ª Edição. ed. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 12-28.